

**plenária de encerramento**

**Isabel Maria de Carvalho Vieira** (Brasil - DF)

Eu queria dizer a vocês, eu queria dizer a todos que, como eu fiz no primeiro dia a proposta de uma declaração coletiva, e nós tivemos nos encontrando isoladamente um com o outro, que é muito difícil num encontro deste tipo isso acontecer. Ontem, no almoço, nós nos reunimos, cinco pessoas, e pensamos algumas coisas, mas antes eu tinha me reunido com o Jorge, da Argentina, que se reuniu com o grupo de São Paulo; então eu redigi alguns tópicos que vão ser entregues à coordenação para que sejam usados da melhor maneira possível na medida em que vocês concordem ou discordem. Estes tópicos estariam muito na linha do que o René Major propôs como uma declaração como cidadãos, eu acho que ele tem toda a razão, seria muito importante que houvesse uma declaração como psicanalistas. Isto ainda teria que ser feito. Então vou ler rapidamente, é um texto que deve dar menos de uma página datilografada, foi escrito à mão.

“Os psicanalistas do Segundo Encontro dos Estados Gerais da Psicanálise, realizado no Rio de Janeiro, de 30 de outubro a 2 de novembro de 2003, signatários desta declaração, no caso de haver signatários ou não, alinhados - aí vêm três apostos que me parecem importantes - alinhados a instituições e pessoas que vêm lutando efetivamente por um mundo mais justo, que preserva as possibilidades de desenvolvimento para nós e para as gerações que nos sucederem no pleno direito à liberdade e à criatividade, no respeito mútuo e no esforço contínuo de paz, conscientes do papel renovador e transformador de uma psicanálise atuante, que uma psicanálise atuante pode operar não apenas nas vidas pessoais mas também nas instituições e nos processos políticos e sociais, sentem-se comprometidos a uma tomada de posição em relação ao espetáculo de violência e barbárie que se instalou formalmente no mundo contemporâneo e deseja expressar sua radical rejeição:

ao projeto neocolonial que governos de países mais potentes impõem aos países mais fracos no sentido de domínio de seus territórios, de suas riquezas naturais, de sua cultura;

o modelo de globalização que vem provocando extensa e intensa exclusão e miséria para a imensa maioria da população do mundo, efetivados pelos governos e pela atuação incontrolável das grandes corporações internacionais;

a criminoso permissividade governamental de inúmeros países quando favorece, e às vezes estimula, a destruição ambiental que ameaça o esgotamento dos recursos naturais que garantem a sustentabilidade da vida no planeta;

a irresponsabilidade dos governos que ousam negar sua adesão às convenções internacionais de direitos humanos, dos direitos das crianças, do tratado de Kioto, do controle de armas nucleares, da tortura como crime contra a humanidade, bem como da não submissão às decisões dos tribunais internacionais como a ONU e o tribunal de Haia.

Em seguida, um agradecimento a vocês que organizaram o Encontro e que nos deram a oportunidade de usufruir desta maravilha de possibilidade, raríssima, de discussão de posições tão opostas como nós estamos vendo nas duas declarações anteriores. Quer dizer, este enfrentamento livre e democrático de pessoas extremamente diferentes. Muito obrigada.